

ACTAS

V COLÓQUIO INTERNACIONAL

**A CASA SENHORIAL
ANATOMIA DE INTERIORES**

COORDENAÇÃO

ANA PESSOA / ARTUR COIMBRA

COORDENAÇÃO

Ana Pessoa
Artur Coimbra

ACTAS DO V COLÓQUIO INTERNACIONAL

A Casa Senhorial:
Anatomia de Interiores

Município de Fafe

Ficha Técnica

Título

Actas do V Colóquio Internacional
A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores

Coordenação e Introdução

Ana Pessoa
(Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro)
Artur Coimbra
(Câmara Municipal de Fafe/Museu das Migrações e das Comunidades)

Capa

Manuel Meira

Sistematização e padronização

Madjory Almeida Pereira (PIC/FCRB)

Local da edição

Fafe

Data

2019

Edição

Câmara Municipal de Fafe

Tiragem

300 exemplares

Impressão e acabamento

Graficamares

ISBN

978-989-98561-2-7

Depósito legal

461886/19

ÍNDICE

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO	11
TEMA I: PROPRIETÁRIOS, CONSTRUTORES E ARTÍFICES. VIVÊNCIAS E RITUAIS	
O PALÁCIO E ORATÓRIO SETECENTISTAS DE DOMINGOS MENDES DIAS, AO CHIADO. IDEALIZAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE UMA OBRA MODELAR NA CIDADE DE LISBOA	17
Sílvia Ferreira	
A CASA EM BORBA NO SÉCULO XVIII: ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO	43
Raquel Seixas	
VIDAS INSTÁVEIS: RESIDÊNCIAS DE DIPLOMATAS PORTUGUESES EM PARIS NO INÍCIO DO SÉCULO XIX	61
Patrícia D. Telles	
UM PALÁCIO QUASE ROMANO NO RIO DE JANEIRO DO SÉCULO XIX: O PALÁCIO DO CATETE	85
Marcus Vinícius Macri Rodrigues	
JOSÉ FLORÊNCIO SOARES: REQUINTE E MODERNIDADE ENTRE O RIO DE JANEIRO E FAFE	99
Ana Pessoa & Ana Lucia V. Santos	
VIVÊNCIAS E ARQUITETURA NUMA HABITAÇÃO NOBRE DO OITOCENTOS MINEIRO: SOLAR DOS CUNHA	117
André Guilherme Dornelles Dangelo, Celina Borges Lemos & Vanessa Borges Brasileiro	
A REPRESENTAÇÃO HOLLYWOODIANA DA CASA SENHORIAL IBERO-AMERICANA EM A MARCA DO ZORRO	129
Flavio Di Cola	
TEMA II: IDENTIFICAÇÃO DAS ESTRUTURAS E DOS PROGRAMAS DISTRIBUTIVOS E O ESTUDO DE NOMENCLATURAS FUNCIONAIS E SIMBÓLICAS DE CADA ESPAÇO	
O CASTELO DE D. XICA: REQUINTES DE ESPAÇO GRAVADOS NA PEDRA	151
Domingos Tavares	
A INFLUÊNCIA DO ECLETISMO NA PRODUÇÃO DA ARQUITETURA RESIDENCIAL EM OURO PRETO (MG)	167
Patrícia Thomé Junqueira Schettino & Fernanda Alves de Brito Bueno	
A CASA DA HERA: UM MODELO SINGULAR DE CASA SENHORIAL NO VALE DO PARAÍBA	195
Katia Maria de Souza	

CASA NOBRE EM BELO HORIZONTE, ENTRE 1900 E 1940: ARQUITETURA, INTERIORES E SOCIEDADE	207
Celina Borges Lemos, Danielle Amorim Rodrigues & André Guilherme Dornelles Dangelo	
CASA DO PINHAL, A VIDA COTIDIANA EM UMA FAZENDA DE CAFÉ	227
Maria Alice Milliet	
O REFLEXO DA MODERNIDADE NO PROGRAMA DISTRIBUTIVO DO PALACETE PASSARINHO, EM BELÉM	239
Pietra Castro Paes Barreto & Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes	
TEMA III: A ORNAMENTAÇÃO FIXA: AZULEJOS, TETOS, TALHAS, PINTURAS, ESTUQUES, TÊXTEIS, PAVIMENTOS, CHAMINÉS/LAREIRAS, JANELAS, PORTAS, PARA-VENTOS E OUTROS BENS INTEGRADOS	
PORTAS E PARA-VENTOS: BENS INTEGRADOS ÀS CASAS SENHORIAIS DE PELOTAS	255
Carlos Alberto Ávila Santos	
OS PAPÉIS DE PAREDE E A PAISAGEM: JOHAN MORITZ RUGENDAS COMO EXEMPLO ...	267
Carlos Gonçalves Terra	
INTERIORES A BRANCO E DOURADO: O ENOBRECIMENTO E AS ALUSÕES AOS TEMAS CLÁSSICOS DA MITOLOGIA GRECO-ROMANA NO PALACETE BOLONHA, BELÉM-PA	281
Cybelle Salvador Miranda, Ronaldo N. F. Marques de Carvalho & Larissa Silva Leal	
ARTES PICTÓRICAS DAS SEDES DE TRÊS ESTÂNCIAS DA CAMPANHA GAÚCHA	301
Mônica de Macedo Praz & Carlos Alberto Ávila Santos	
A PINTURA DECORATIVA DO PALÁCIO DO RAIO EM BRAGA	311
Miguel Montez Leal	
A ARTE DECORATIVA DA AZULEJARIA DO EDIFÍCIO PARIS N'AMÉRICA, BELÉM-PA	325
Márcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes	
TEMA IV: O EQUIPAMENTO MÓVEL NAS SUAS FUNÇÕES ESPECÍFICAS E SUAS RELAÇÕES COM O ESPAÇO; O CONJUNTO E AS CIRCULAÇÕES DAS PEÇAS; A ATMOSFERA DO LUGAR	
REDES DE DORMIR E SUAS MÚLTIPLAS FUNÇÕES: DE EQUIPAMENTO PARA DESCANSO A MEIO DE TRANSPORTE	343
Francine Soares Bezerra	
A EVOLUÇÃO DO CANDEEIRO NO SÉCULO XIX, TIPOLOGIAS E USOS	363
Antônio Francisco Arruda de Melo Cota Fevereiro	
O MOBILIÁRIO NO INTERIOR DA CASA BRASILEIRA: ENTRE FUNÇÕES E SIGNIFICADOS	389
Silveli Maria de Toledo Russo	

PREFÁCIO

O Projecto “A Casa Senhorial” e a edição do seu V Colóquio Internacional

Numa visão conjuntural, a presente edição do *V Colóquio da Casa Senhorial* corresponde a mais uma etapa do projecto “*A Casa Senhorial Portugal Brasil e Goa, Anatomia dos Interiores*”. Desenvolvido desde 2010 e financiado pela FCT, este projecto resultou, na sua génese, de uma parceria entre o Instituto de História da Arte da NOVA com a Fundação da Casa Rui Barbosa, recebendo em sequência os apoios institucionais da Fundação Ricardo Espírito Santo, do Museu Nacional de Arte Antiga e da Fundação das Casas de Fronteira e Alorna. Em clara sintonia com o subtítulo: “Anatomia dos Interiores”, este projecto propõe-se aprofundar o estudo sobre a casa senhorial cruzando de forma sistemática e equitativa várias dimensões deste fenómeno como a arquitectura, as artes decorativas, os interiores, a sociologia e cultura material.

Mercê sobretudo de uma equipa de empenhados investigadores, este projecto tem conseguido manter uma notável dinâmica garantindo, desde o seu início, a realização de seminários, encontros científicos e colóquios internacionais, alternadamente em Portugal e no Brasil como é exemplo a publicação deste *V Colóquio Internacional da Casa Senhorial* realizado no ano de 2018 em Fafe. Esta dinâmica desenvolvida pelos membros do grupo levou, não só a um aprofundamento destes temas como, numa segunda fase deste projecto, a um alargamento do âmbito geográfico dos seus estudos, que partindo inicialmente de um quadro de investigação circunscrito às cidades de Lisboa e do Rio de Janeiro, se alargou de forma significativa a todo o território de Portugal, Brasil e ainda a Goa.

Cabe salientar que os cinco colóquios internacionais foram precedidos, de dois importantes seminários que, num activo debate, definiram as linhas metodológicas do projecto, cronogramas de investigação e programas de trabalho. O primeiro seminário realizou-se no Palácio Fronteira a 17 de Janeiro de 2013. Organizado pela equipa portuguesa, “*A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: fontes primárias e investigações em curso*”, teve a participação de investigadores portugueses e brasileiros. O evento foi acompanhado de um encontro de trabalho no palácio Azurara (FRESS) no dia 11 de Janeiro de 2013 onde foram debatidas questões relacionadas com nomenclaturas, metodologias e modelos de abordagem, que se colocavam com o avanço das investigações. Na sequência do seminário foram efectuadas, entre os dias 22, 23 e 24, visitas científicas ao Palácio Cabral, Palácio Porto Covo e Quinta do Correio-Mor, prática que se iria manter, em cada evento, tornando-se uma

metodologia de investigação do projecto, baseada na troca de experiências e de conhecimentos.

No mesmo ano a equipa reuniu-se, ainda, entre 20 e 21 de Agosto, num segundo seminário *“A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro: patrimónios comuns e circulação de experiências”*, organizado pela equipa brasileira, na Casa Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Na sequência das comunicações de 12 investigadores brasileiros e portugueses, tiveram igualmente lugar encontros de trabalho e visitas a edifícios que se encontravam em estudo pela equipa brasileira.

Destes encontros resultou uma primeira publicação com o título: *“Casas Senhoriais Rio-Lisboa e seus interiores”* (coord. de Marize Malta e Isabel Mendonça). Editado numa parceria entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro, Universidade Nova de Lisboa, Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva. Lisboa/Rio de Janeiro, 2014.

Os dois seminários tiveram ainda um importante debate sobre a estrutura temática e organização interna do *site* a *“A Casa Senhorial”* que, em construção, iria ser colocado *online* em 2014, no final do programa financiado pela FCT. Desenhado para recolher toda a informação reunida ao longo dos três anos de duração do projecto pelos dois grupos de pesquisa, este *site* era concebido de forma a poder continuar a receber contributos de futuros pesquisadores. Amplamente discutida e melhorada nos vários encontros entre os investigadores portugueses e brasileiros, a sua estrutura flexível e a abrangência dos conteúdos deste *site*, permitiriam a formação de uma relevante base de dados sobre a Casa Senhorial não só para investigadores como para o público interessado nestes temas.

Grande momento do Projecto foi, sem dúvida, o primeiro Colóquio Internacional realizado em Lisboa que teve lugar entre 4 e 6 de Junho de 2014, que encerrava a primeira fase do projecto: *“A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro (séculos XVII, XVIII e XIX). Anatomia dos Interiores”*. Tendo tido lugar no Salão Nobre do Palácio Azurara, sede da Fundação Ricardo do Espírito Santo Silva, aqui se reuniram 36 conferencistas portugueses e estrangeiros em torno dos quatro grandes temas que têm norteado a investigação sobre a Casa Senhorial. Estas quatro linhas temáticas garantiram os grandes objectivos de carácter metodológico anteriormente definidos, nomeadamente a contextualização das obras e os seus mecenas, a compartimentação da casa senhorial e as funções dos vários espaços, a terminologia com ela relacionada e as tipologias, técnicas e evolução estilística da decoração aplicada e dos objectos. As comunicações do colóquio foram entretanto editadas com um livro intitulado: *Casas Senhoriais em Lisboa e no Rio de Janeiro. Anatomia dos Interiores”* (coord. de Isabel Mendonça e Hélder Carita), Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2014.

No ano de 2015 seguia-se, por sua vez, no Rio de Janeiro, o *II Colóquio Luso-Brasileiro. A Casa Senhorial em Lisboa e no Rio de Janeiro. Anatomia dos Interiores*. Organizado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, de 11 a 13 de Agosto. Este colóquio teve a sua edição em 2016 num *e-book* com o título: *Anais do II Colóquio Internacional, A Casa Senhorial Anatomia dos Interiores* (coord. Ana Pessoa, Marize Malta), Fundação Casa Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

No ano de 2016 foi a vez do Porto e da Universidade Católica receberem o *III Colóquio Internacional - A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores*, tendo tido lugar na Universidade Católica Portuguesa, Porto, Escola das Artes, entre 16 e 17 de Junho de 2016. O Colóquio teve as suas *Actas* editadas pela Universidade Católica Editora (coord. de Ana Pessoa e Gonçalo Vasconcelos e Sousa), Porto, 2018.

Cabe salientar que, além da investigação e elaboração dos textos das comunicações, a serem apresentadas a cada colóquio, as duas equipas continuaram a desenvolver estudos, realizando inventários de casas e elaborando fichas de entrada relativas às fontes documentais, nomeadamente, plantas antigas, inventários, contratos de obras, fotografia, elementos que progressivamente têm vindo a completar a base de dados do Site da *Casa senhorial*.

A abertura do projecto ao espaço geográfico do Brasil e de Portugal, possibilitou que em 2017 o grupo, no seu encontro anual, se pudesse reunir em Pelotas, na Universidade Federal de Pelotas, para o *IV Colóquio Internacional A Casa Senhorial: Anatomia dos Interiores*, organizado na Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, Brasil, entre 7 e 9 de Junho de 2017. O Colóquio teve as suas actas editadas em *e-book*, em 2017 (coord. Amanda Basílio Santos, Anderson Pires Aires, Carlos Alberto Ávila Santos), Pelotas, e editado pelo Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura.

Para o desenvolvimento da investigação desta nova fase foi assinado em 2018 um acordo de cooperação científica entre o Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa com a Fundação da Casa Rui Barbosa. O projecto *A Casa Senhorial, Portugal, Brasil e Goa*, recebia ainda o apoio mecénico da Hertz, que permitiu a reestruturação e actualização do antigo *website*, adaptando-o às novas temáticas e às estratégias de investigação, como ainda ao seu desdobramento em versão inglesa.

Testemunho da consistência do Projecto e da sua equipa, neste ano de 2019 foi realizado no Brasil, entre 4 e 6 de Junho, em Belém do Pará, o *VI Encontro Internacional da Casa Senhorial* que teve como organizadores a Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), a Universidade Nova de Lisboa (Portugal), e a Universidade da Amazônia (UNAMA), com o apoio do Museu do Estado do Pará, e do Grupo de Pesquisa Casas senhoriais e seus interiores: estudos luso-brasileiros em arte, memória e património. Como tem sido costume, o Colóquio teve uma larga participação de investigadores brasileiros e portugueses estando prevista a edição das suas actas no próximo ano. Como se tornou

prática de cada Colóquio, este evento teve um painel de visitas científicas a casas senhoriais em estudo, numa prática que se foi consolidando, baseada na troca de experiências e actualização de conhecimentos entre pares.

Numa perspectiva de futuro, e num contexto de alargamento do projecto à Índia, a Fundação Oriente acordou oficialmente o seu apoio ao *VII Encontro Internacional da Casa Senhorial*, que terá lugar, entre 10 e 13 de Novembro de 2020, na sua delegação de Goa. Deste modo garante-se a dinâmica e a robustez de um projecto que pelo empenho dos seus investigadores tem-se manifestado como um modelo de referência nos estudos da História da Arte e da Casa Senhorial.

Helder Carita
Instituto de História da Arte - UNL

INTRODUÇÃO

Esta publicação reúne algumas das comunicações apresentadas no *V Colóquio Internacional – A Casa Senhorial: Anatomia de Interiores*, realizado de 6 a 8 de junho de 2018, no Teatro-Cinema, em Fafe. O evento foi uma promoção da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), do Museu das Migrações e das Comunidades/Câmara Municipal de Fafe e do Instituto de História da Arte da Universidade Nova de Lisboa (IHA/UNL), com o apoio do Grupo de Pesquisa Casas senhoriais e seus interiores: estudos luso-brasileiros em arte, memória e patrimônio.

Fafe, a “sala de visita do Minho”, acolheu com alegria e hospitalidade o evento, oferecendo o cenário singular de seu excepcional casario erguido pelos “brasileiros de torna-viagem”, entre meados do século XIX e o inícios do século XX.

O colóquio é resultado de projeto de pesquisa desenvolvido pela Universidade Nova de Lisboa (UNL) e pela Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB) – *A Casa Senhorial em Portugal, no Brasil e em Goa: Anatomia de Interiores*, iniciado em 2011, quando contou com o apoio da FCT, da Fundação Ricardo Espírito Santo e a Fundação das Casas de Fronteira e Alorna, e se estende até hoje, divulgando seus resultados no site acasasenhorial.org.

Ao longo dos anos, o projeto tem promovido encontros científicos internacionais, ora em Portugal, ora no Brasil, com a parceria de instituições locais, abertos à participação de estudiosos de todo mundo, para compartilhar e confrontar resultados de estudos acerca das casas senhoriais, desde o século XVII ao início do XX, com foco em quatro linhas de investigação:

- I. Proprietários, construtores e artífices. Vivências e rituais;
- II. Identificação das estruturas e dos programas distributivos e o estudo de nomenclaturas funcionais e simbólicas de cada espaço;
- III. A ornamentação fixa: azulejos, tetos, talhas, pinturas, estuques, têxteis, pavimentos, chaminés/lareiras, janelas, portas, pára-ventos e outros bens integrados;
- IV. O equipamento móvel nas suas funções específicas e suas relações com o espaço; o conjunto e as circulações das peças; a atmosfera do lugar.

O V colóquio foi organizado por comitê integrado por Dra. Ana Pessoa (FCRB), Dr. Artur Coimbra (Museu das Migrações e das Comunidades/Câmara Municipal de Fafe), Prof. Dr. Helder Carita (UNL) e Prof.^a Dra. Isabel Mendonça (UNL). Para avaliação das propostas de comunicação, o evento contou com um comitê científico integrado por pesquisadores lusobrasileiros, que analisou 49 propostas, das quais 42 foram aceitas.

Os organizadores agradecem a colaboração dos professores e pesquisadores que integraram o comitê científico: [tema I] Prof. Dr. José Belmont

Alves de Brito Bueno; “Casa nobre em Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil, entre 1900 e 1940: arquitetura, interiores e sociedade”, de Celina Borges Lemos e André Guilherme Dornelles Dangelo e “O reflexo da modernidade no programa distributivo do palacete Passarinho – Belém, Pará”, de Pietra Castro Paes Barreto e Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes.

O terceiro tema, voltado para o estudo da *ornamentação fixa e bens integrados*, foi abordado por estudos dedicados aos revestimentos, sua representação e técnicas, e aos artefatos, em casas em Portugal e no Brasil. A representação da pintura do palacete barroco de Braga é tema de “A pintura decorativa do Palácio do Raio em Braga”, de Miguel Nuno Santos Montez Leal, como a dos estuques é apresentado em “Interiores a branco e dourado: o enobrecimento e as alusões aos temas clássicos da mitologia grecoromana no Palacete Bolonha – Belém, Pará”, de Cybelle Salvador Miranda, Ronaldo N. F. Marques de Carvalho e Larissa Silva Leal.

A aplicação de revestimentos decorativos – pintura mural, papel de parede e azulejos – em diferentes regiões brasileiras é abordada em três artigos: “Artes pictóricas das sedes de três estâncias da Campanha Gaúcha”, por Mônica de Macedo Praz, “Os papéis de parede e a paisagem: Johan Moritz Rugendas como exemplo”, por Carlos Gonçalves Terra e “A arte decorativa da azulejaria do edifício Paris n’América – Belém, Pará”, por Marcia Cristina Ribeiro Gonçalves Nunes. Por fim, os artefatos é tema do artigo “Portas e para-ventos: bens integrados às casas senhoriais de Pelotas”, de Carlos Alberto Ávila Santos.

O quarto e último tema, *O equipamento móvel*, foi abordado por artigos voltados para o mobiliário no Brasil, em “Redes de dormir e suas múltiplas funções: de equipamento para descanso a meio de transporte”, de Francine Soares Bezerra e “O mobiliário no interior da casa brasileira: entre funções e significados”, de Silveli de Toledo Russo, e o estudo sobre os artefatos de iluminação doméstica em Portugal, em “A evolução do candeeiro no século XIX, tipologias e usos”, de António Francisco Arruda de Melo Cota Fevereiro.

A diversidade de apresentações confirma a consolidação do grupo de professores e investigadores associados a este tema, e a importância de promoção de eventos agregadores de seus estudos.

A edição impressa desta obra foi promovida graças aos esforços da Fundação Casa de Rui Barbosa, com o apoio da bolsista Madjory Almeida Pereira e da Divisão de Editoração, e do Município de Fafe, cujo Presidente, Dr. Raul Cunha, pronta e amavelmente se disponibilizou a promover a publicação das Actas do V Encontro realizado nesta cidade, o que a organização não pode deixar de assinalar gostosamente e agradecer.

Rio de Janeiro e Fafe, Junho de 2019

Ana Pessoa
Artur Coimbra

O MOBILIÁRIO NO INTERIOR DA CASA BRASILEIRA: ENTRE FUNÇÕES E SIGNIFICADOS

Silveli Maria de Toledo Russo

No âmbito das casas senhoriais brasileiras, ou palacetes¹, é possível observar uma singular tipologia de mobiliário religioso, cujas peças foram adquiridas pelos próprios detentores do privilégio de possuí-las; *exempli gratia*, o mobiliário religioso que se encontra salvaguardado em um majestoso edifício residencial, localizado no bairro “Jardim Europa”, na cidade de São Paulo, e cujo projeto arquitetônico, de influência eclética francesa, é atribuído ao francês *Jacques Emile Paul Pilon* (Le Havre, França, 1905 – São Paulo, 1962). Recorde-se que *Pilon* concluiu o curso de arquitetura na *École Nationale Supérieure des Beaux-Arts*, Paris, em 1932, chegando a alcançar significativa atuação na arquitetura paulista, desde o seu estabelecimento na cidade de São Paulo, em 1934, até os anos iniciais da década de 1960.²

Não é demasiado recordar também que, já em terras paulistas, o arquiteto reuniu-se em sociedade com importantes e influentes profissionais na área da construção civil, entre os quais o engenheiro civil Francisco Matarazzo Neto (São Paulo, 1910 – São Paulo, 1980), com quem fundou a empresa de projetos e construção *Pilon & Matarazzo Ltda* – mormente conhecida como PILMAT, em atividade até o início de 1940, ano em que *Pilon* abre o seu próprio escritório

¹ Faz-se importante mencionar algumas indicações correspondentes à definição do vocábulo “palacete”. Corona e Lemos, em seu *Dicionário da Arquitetura Brasileira*, assim o descreve: “diminutivo de palácio”; com o mesmo sentido, sobre o termo “palácio” revela: do latim, deriva de Palatino, monte onde Augusto mandou levantar sua grandiosa moradia. Inicialmente o termo designou, e ainda designa, a residência do rei ou do imperador. O mesmo que paço real. Depois a palavra estendeu-se às moradias nobres, de fidalgos e ditos prelados, como os bispos, cardeais etc., chegando a designar as casas em que reúnem as câmaras legislativas, os tribunais os poderes executivos etc. Casa grande e aparatosa. Edifício majestoso. Convento, mosteiro.” (grifo meu). Cf. CORONA, Eduardo. LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira – *Dicionário da Arquitetura Brasileira*. 2. ed. São Paulo: Romano Guerra Editora, 2017, pp. 352-355. No mais, diga-se que a utilização do vocábulo “Palacete”, aqui empreendido, justifica-se pelo fato da residência urbana em análise apresentar similaridades entre as conceituações utilizadas para determinar o diminutivo irregular de palácio e representar a tipologia de habitação unifamiliar das estirpes mais abastadas, pertencentes, segundo Maria Cecília Naclério Homem, ao “grupo de pessoas que dispõem de maior acesso aos valores e ao seu controle nas diversas áreas de atuação, especialmente no campo econômico, político, intelectual e social”). Cf. HOMEM, Maria Cecília Naclério – *O Palacete Paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010, pp. 15-22.

² SILVA, Joana Mello de Carvalho – *O arquiteto e a produção da cidade: a experiência de Jacques Pilon em perspectiva 1930-1960*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2010 (Tese de doutoramento).

de projeto e passa a contar, a partir de então, com diversos sócios e colaboradores.³ Fato este que, pela importância informativa, suscita à análise, aqui empreendida, alguns desafios, visto o interesse de não só ampliar a divulgação do repertório de referências patrimoniais móveis, como também enaltecer a constituição do conjunto arquitetônico local e regional, em que se inserem.

Forçoso lembrar que o processo de metropolização de São Paulo, no âmbito urbanístico e arquitetônico, serviu-se da contribuição de arquitetos estrangeiros para a construção da cidade, sobretudo entre as décadas de 1930 e 1960. Foi nesse contexto que o diplomata, político e empresário brasileiro *Horácio Lafer* (São Paulo, 1900 – Paris, França, 1965), já na perspectiva de se casar com *Maria Luísa Salles*, encomendou ao arquiteto francês, exatamente no ano de 1934⁴, o projeto arquitetônico de uma residência [Figuras 1 e 2] no recém lançado loteamento, denominado: “Jardim Europa”.

Na leitura do processo salvaguardado no Arquivo Histórico Municipal de São Paulo (AHM/SP), datado de 19 de outubro de 1934, referente à licença para a construção de tal residência, constata-se um rol de importantes informações, presentes tanto no Memorial Descritivo da obra como no próprio projeto arquitetônico, que, por sua vez, foi executado no âmbito da acelerada urbanização de São Paulo⁵ e de seus novos processos de fornecimento de energia elétrica, iluminação pública e transporte urbano, estimulados pela crescente imigração e os lucros impulsionados pela produção cafeeira e a industrialização.

Recorda-se também que a responsabilidade de tal loteamento ficou a cargo do engenheiro-arquiteto *Hippolyto Gustavo Pujol Júnior* (Rio de Janeiro, 1880 – Rio de Janeiro, 1952), profissional formado em 1905, pela Escola Politécnica de São Paulo, que ocupou um lugar de destaque no cenário da construção civil do período. Sobre a atuação de *Pujol* nesta circunstância, o curador Paulo Freitas Costa, em seu texto intitulado “A Casa da Rua Portugal”, ao se referir ao edifício que se encontra no mesmo quarteirão do palacete de Ivani e Jorge Yunes, e que atualmente abriga a *Fundação Ema Klabin*, discorre o seguinte:

(...) o Jardim Europa imitava quase que integralmente o desenho desenvolvido pelos urbanistas ingleses Raymond Unwin (1863-1940) e Barry Parker (1867-1941) para o pioneiro Jardim América, lançado em 1915 pela *City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited*, depois conhecida simplesmente como Cia. City⁶.

³ BRANCO, Ilda Helena Diniz Castello – “Jacques Pilon”. *Warchavchik, Pilon, Rino Levi: três momentos da arquitetura paulista*. São Paulo: Funarte: Museu Lasar Segall, 1983.

⁴ Sistema Municipal de Processos: Cartão de Identificação (34) (00 67536), do Arquivo Histórico Municipal | SMC | PMSP.

⁵ Ver FELDMAN, Sarah – “A configuração espacial da Metrópole”. CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lucia Helena; SACCHETTA, Vladimir – *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. São Paulo: Editora Senac, 2004, pp. 124-29.

⁶ Cf. COSTA, Paulo de Freitas – “A Casa da Rua Portugal”. (org.). A Coleção Ema Klabin. São Paulo: Fundação Cultural Ema Gordon Klabin, 2018, pp. 29 e 30.

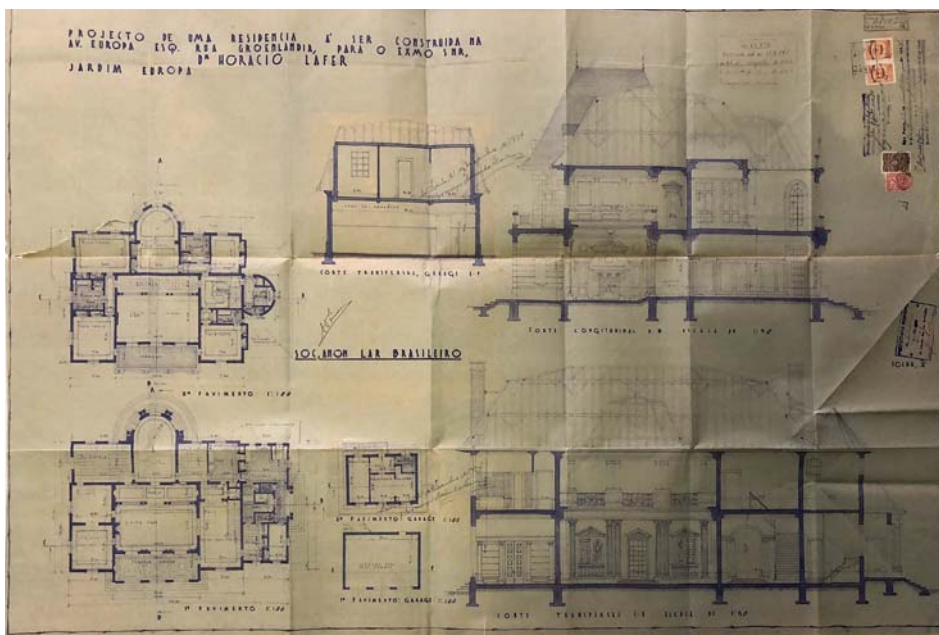


Fig. 1 – Projeto Arquitetônico (Plantas e Cortes) da residência de Horácio Lafer. Documentação: Prefeitura do Município de São Paulo, 1934. Autor do Projeto: *Jacques Pilon*. Engenheiro responsável pela construção: *B[?] da Cunha Alves*. Fonte: AHM/SP – SMC/PMSP. Processo (34) (0067536). Foto: Silveli Russo, 2018.

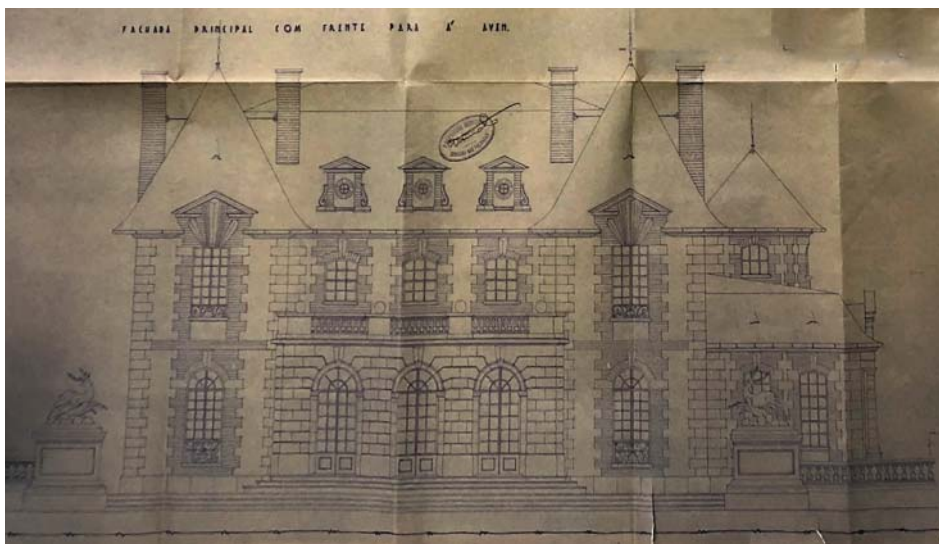


Fig. 2 – Detalhe do Projeto Arquitetônico (Fachada Principal). Documentação: Prefeitura do Município de São Paulo, 1934. Fonte: AHM/SP – SMC/PMSP. Processo (34) (0067536). Foto: Silveli Russo, 2018.

Na perspectiva de tais concepções urbanísticas e ideais de habitabilidade é que hoje se encontra o palacete aqui em voga, utilizado primeiramente como a residência de *Horácio Lafer* a partir da década de 1930, como já referenciado, e que, não obstante, experimentou, desde lá, várias ampliações e adaptações ao ser adquirido pelo segundo proprietário, o empresário da imprensa e televisão brasileira, *Adolpho Bloch* (Jitomir, Ucrânia, 1908 – Paraíso, 1995), nos anos iniciais da década de 1970; época em que para além de abrigar o acervo de obras artísticas de *Bloch*, o local foi utilizado como sede da *Revista Manchete*, com o objetivo de “promover festas e encontros culturais, e também para lá transferir a redação das revistas do grupo, em um prédio anexo que mandou construir nos fundos”, seguindo as palavras de Paulo de Freitas⁷.

A casa e seus desígnios

Em continuidade ao exposto, põe-se agora em evidência que, já na década de 1990, o edifício retorna ao uso residencial quando adquirido pelo casal de empresários e colecionadores, *Ivani e Jorge Yunes* (falecido em 2017). Neste ponto, em estrito cotejo entre materialidade e categorias socioculturais, observa-se a capacidade narrativa do espaço das casas grandes e aparatosas no fomento de investigações dessa índole, a exemplo do palacete em voga e sua arquitetura eclética, envolta a constantes estilísticas afrancesadas, com o lastro do requinte de palácios principescos e ducais, e ainda com a noção de refúgio e privacidade, a acolher um número bastante diversificado de objetos, capazes de representar influência e prestígio.

Comece-se por observar o sistema de implantação do palacete no terreno: afastado dos limites do lote, nos quatro lados, acaba por gerar uma dinâmica nos agenciamentos internos que atende à distribuição tripartida dos palacetes, composta comumente pelos setores: social, íntimo e de serviços. Ao longo das três décadas da aquisição do imóvel, especificamente a partir de 1990, o edifício originário da década de 1930, passou, como já dito, por diversas reformas e ampliações, determinadas a partir de sua implantação no terreno, em que se buscou a preservação da impactante cenografia, em evidência pela articulação entre natureza e espaço construído, bem como o isolamento da rua, por meio de recuos fronteiros e laterais e fechamento do terreno com altos muros.

Jorge Yunes convocou o arquiteto italiano *Ugo di Pace* para elaborar as reformas e ampliações do palacete. No programa arquitetônico das fachadas, optou-se por aplicar uma dualidade entre a modenatura neoclássica e os

⁷ Cf. COSTA, Paulo de Freitas – *A Casa da Rua Portugal*. São Paulo: Fundação Ema Klabin, 2014, p. 25.

vários estilemas que se associam a valores de tradição francesa, haja visto os elementos arquitetônicos que desenham a cobertura, de clara inspiração nos palácios projetados pelo arquiteto *Louis Le Vau* (Paris, França, 1612 – Paris, França, 1670), no Seiscentos. Assim, visualiza-se o edifício ladeado por jardins repletos de alegorias, representadas na iconografia das esculturas (estátuas), de materiais vários, que misturam elementos alegóricos e zoomórficos, que por vezes parecem se desprender das paredes das fachadas e embrenhar-se nos jardins.

Interessante perceber a impostação volumétrica da fachada principal [Figura 3], que apresenta relevos movimentados, e dramaticidade, por meio dos adornos aplicados, criando um contraste entre a superfície das paredes em tons de ocre, que se alternam com os detalhes decorativos em estuque das molduras e esquadrias em branco. Por sua vez, ornatos da fachada principal e da decoração interior apresentam iconografia que mistura elementos alegóricos e zoomorfos. Logo na entrada principal, que se abre por meio de uma porta de vidro, de folhas duplas, e bandeira de vidro em arcos concêntricos, vislumbra-se o grande *hall* de distribuição com pé-direito duplo [Figuras 4 e 5], e ainda colunas, capitéis, cornijas e coroamentos com cores iguais às das superfícies planas, a impressionar a sensibilidade do visitante.



Fig. 3 – Fachada principal do Palacete CIJY. Foto: Imagem cedida pela CIJY.

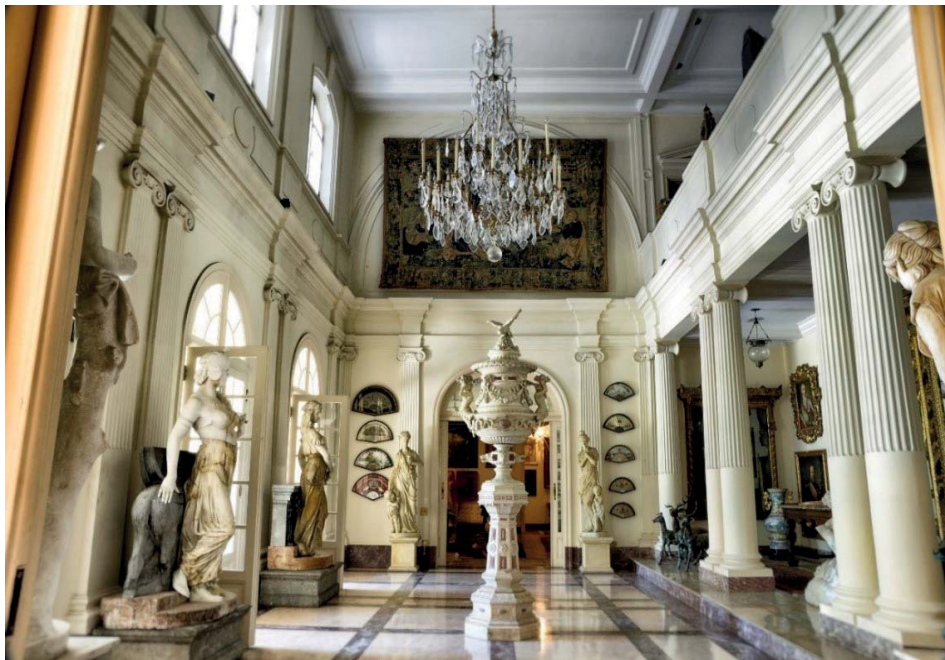


Fig. 4 – Vista interna do Palacete CIJY. (*Hall* da entrada principal). Foto: Imagem cedida pela CIJY.



Fig. 5 – Vista interna do Palacete CIJY. (*Hall* da Entrada Principal). Foto: Imagem cedida pela CIJY.

Do *hall* chega-se também à zona social de estar do pavimento térreo, a sala central [Figura 6], onde raríssimos tapetes persas sobrepõem-se sobre o trabalho de cantaria dos pisos, em mármore de carrara e belga negro; assim, esta parte social destinada ao estar formal recebe tratamento requintado, e como a própria colecionadora destaca, a vida no estar formal era tão ou até mais intensa do que a vida familiar. Tradições essas que contemplam um conjunto de práticas simbólicas, com valores e normas comportamentais que se adentraram na casa burguesa, tratando-a com o maior requinte, tanto arquitetônico como decorativo, sobretudo os ambientes de estar, denominados na França oitocentista como zona de representação⁸.



Fig. 6 – Vista interna do Palacete CIJY (Sala de Estar). Foto: Imagem cedida pela CIJY.

O Mobiliário, entre funcionalidade e representações

Forçoso citar que além dos elementos incorporados à construção, há o conjunto de equipamentos móveis, entre os quais: mobiliário de cunho civil e religioso, produzido no Brasil ou oriundo do contexto internacional e de feitura atribuída aos séculos XVIII, XIX e XX; imaginária sacra produzida entre os séculos XVII e XIX; tapeçarias, bem como outros objetos de função utilitária e/ou decorativa, produzidos no Brasil ou trazidos de continentes

⁸ Cf. ORTIZ, R. (Org.) – *Pierre Bourdieu: sociologia*. São Paulo: Ática, 1983, p. 106.

vários, manufaturados ou fabricados, ao longo dos séculos XVIII, XIX e XX, em prataria, porcelana e opalina; pinacoteca, que abrange um interessante repertório característico dos séculos XVII, XVIII, XIX e XX.

Acerca dos tipos de cadeiras produzidas no Brasil, há exemplares salvaguardados no presente acervo dignos de serem observados com acuidade. Por exemplo, há um par de cadeira [Figura 7] que se inspira no repertório estilístico português, convencionalmente nomeado de “D. João V” (1706–1750), que por sua vez incorporou uma forte e encantadora influência do mobiliário inglês *Queen Anne*, a refletir o gosto apurado e a sobriedade no modo de vida das sociedades daquela época⁹. Deste modo, pode-se notar, na qualidade estrutural que adequa esta cadeira à sua função de descanso, formas anatômicas que se ajustavam às roupas volumosas em uso, a exemplo do assento em formato trapezoidal e baixo, e ainda no espaldar alto, de tabela recortada e lisa, com remate superior em forma de concha.

No mais ainda, na estrutura inferior, observe-se as pernas de curva e contracurva, com joelheiras de linhas acentuadas e pés de estilização de casco de cavalo, comumente conhecido como “pés-de-burro”, cuja travessa traseira se encontra inserida em diferente nível das travessas laterais e dianteira, adquirindo também, assim como o espaldar, um motivo central recortado e trabalhado com o emprego de concheados, assim como os adornos realizados no couro do assento, que apresenta uma profusa ornamentação de motivos geométricos e vegetalista, dispostos simetricamente, inspirados quicá pela azulejaria e pelos têxteis.



Fig. 7 – Cadeira (em dupla) localizada no interior do Palacete CIJY. Século XIX/XX. Madeira entalhada; verniz; couro lavrado. 117 x 55 x 48 cm. Foto: Imagem cedida pela CIJY.

⁹ GOODMAN, Dena; NORBERG, Kathryn. (orgs.) – *Furnishing the eighteenth century: what furniture can tell us about European and American past*. New York: Taylor Print, 2007.

Outro exemplar em destaque, é um par de cadeiras [Figura 8] com especificidades também oriundas de um modelo visual europeu, que atesta uma tradição iconográfica da segunda metade do século XVIII, época em que foi introduzido o estilo D. José I e que se percebe as curvas e ondulações do mobiliário francês, em que a talha rasa e miúda foi usada com entusiasmo, bem como os frisos em forma de “C” e “S” e os elementos *rocaille*, de influência francesa, que atuam com entalhes menos profundos e mais suaves que as linhas de influência *Queen Anne*, trazidas de Inglaterra¹⁰. Na primeira metade do Setecentos, a influência inglesa é notadamente percebida, pelos elementos recortados e vazados que compõem o espaldar; e a francesa também, pelo espaldar em forma de violão e pelo feixe de plumas do remate superior, que então passa a ser bem recortado, vazado e decorado assimetricamente com os motivos *rocaille*, já citados.

No mais, na estrutura inferior, nota-se a talha rasa e as pernas de curva e contracurva, com amarrações inferiores dispostas em formato de X e joelheiras de linhas mais suaves, com a predominância de volutas, conchas e folhas de acanto. Já os pés apresentam estilização de patas com adornos fitomórficos de talha rasa, denominados assim de “pés de cabra” ou cabriole. Portanto, com esses dados, permite-se apontar que este exemplar de cadeira se inspira na produção brasileira da segunda metade do século XVIII, cujo modelo era passível de distinguir os móveis luso-brasileiros.¹¹ Na sequência da ideia, é preciso alertar que todo esse repertório, em sua grande maioria, espera atribuições conclusivas acerca de datações e autorias, a identificar, inclusive, manifestações regionais provenientes da atuação de artífices anônimos.



Fig. 8 – Cadeira (em dupla) localizada no interior do Palacete CIJY, Século XIX/XX. Madeira entalhada; tecido. Foto: Imagem cedida pela CIJY.

¹⁰ HARPRING, Patricia – *Introduction to controlled vocabularies: terminology for art, architecture, and other cultural works*. Los Angeles: The Getty Research Institute, 2010.

¹¹ CANTI, Tilde – *O móvel no Brasil: origens, evolução e características*. Rio de Janeiro: Candido Guinle de Paula Machado, 1980.

Em prosseguimento aos ambientes do palacete, além do salão de estar, a especialização de diversos outros espaços e a longa série de funções conferem um dinamismo contestável aos agenciamentos internos, que bem atenderam ao casal, Ivani e Jorge, pois como ativos anfitriões recepcionavam habitualmente artistas, intelectuais e as mais influentes personalidades do cenário político e econômico da cidade de São Paulo. No ambiente contíguo, digo: a sala de música [Figura 9], predominam também os espelhos e as pinturas em óleo (sobre tela ou madeira), em que se pode notar igualmente a função disciplinadora do gosto eclético, a demonstrar a aceitabilidade da prática colecionista.



Fig. 9 – Vista interna do Palacete CIJY (Sala de Música). Foto: Imagem cedida pela CIJY.

Os ambientes sociais, em geral, encontram-se mobiliados com sofás e poltronas revestidos de tecidos adamacados e outros tantos de couro, onde o religioso e o profano (o espiritual e o temporal) convivem sob o mesmo teto, numa acomodação quase hermética. Além dos móveis de assento, percebe-se também uma interessante tipologia de móvel de guarda, o *cassone* [Figura 10]. Com denominação oriunda do termo italiano *cassa*, do latim *càpsa*, sua utilização se revela de maneira mais acentuada a partir do século XV, no período da Renascença italiana, direcionado à guarda de objetos de aparato, a exemplo dos enxovais – seja do vestuário, seja para o serviço de casa.

O exemplar em destaque se apresenta em formato retangular, assim como historicamente o *cassone* sempre se revelou, quicá inspirado no formato dos sarcófagos (marmóreos) da Antiguidade Romana, e está aqui representado

com um labor arquitetônico e artístico ricamente trabalhado sobre a madeira que o constrói. Permite-se observar que existe a possibilidade de ter havido a substituição de partes do tampo original da peça, fato que somente se poderia confirmar com a realização de um laudo técnico sobre a longevidade/espécie da madeira.



Fig. 10 – Cassone (arca) localizado no interior do Palacete CIJY. Século XVI/XVII. Madeira entalhada, folha de ouro, verniz e metal. 63 x 189 x 58 cm. Foto: Imagem cedida pela CIJY.

Assim, a peça reveste-se de elementos escultóricos em relevo nos painéis frontais, tais como: figuras divinas e humanas, e uma representação heráldica (ladeada por dois *putti* e encimada por figuras *grotteschi* - no painel frontal/central) sugestivas de família proveniente das regiões de *Toscana* e *Umbria*, na Itália; também, expõe elementos vegetalistas, tal como as rosáceas dispostas nos painéis laterais, que apresentam exuberante cenografia por sua vez rematada com moldura em frisos, cujo entalhamento apresenta motivos geométricos de simetria minuciosamente elaborada. Outrossim, este *cassone* apresenta figuração zoomórfica, isto é, encontra-se apoiado em pés com formato que sugerem patas de leão, iconografia recorrentemente utilizada em peças similares do mundo medieval e moderno¹².

Peças de diferentes épocas, suportes e produções ocupam os vários ambientes do Palacete e sempre foram e ainda são distribuídas de acordo com a orientação da família Yunes. Longe de serem aleatórias ou subjetivas,

¹² PEDRINI, Augusto – *Il Mobilio: Gli ambienti e le decorazioni del Rinascimento in Italia, secoli xv e xvi*. Genova: Editora: Stringa Editore, 1969.

as aquisições salvaguardadas conformam-se entre a arte erudita e a arte de tradição popular, a incorporar muito particularmente temas caracteristicamente brasileiros, sob a ótica e critérios do colecionador *Jorge Yunes* ao longo de mais de 40 anos, apresentando-se, portanto, um dos mais expressivos acervos privados, localizados na cidade de São Paulo, quiçá do Brasil.

Em continuidade ao exposto, destaca-se um móvel de iluminação de elogiável valor escultórico [Figura 11], isto é, um exemplo de peça comumente utilizada no interior de espaços civis e também religiosos; neste último, comumente aos pares e sobre o chão de cada um dos lados do altar, como suporte para vela de grandes dimensões e um lume, é habitualmente descrito como o anjo guardião do espaço do presbitério e também como figura de convite às celebrações litúrgicas.



Fig. 11 – Anjo Tocheiro localizado no interior do Palacete CIJY. Século XVIII. Madeira entalhada e policromada. 130 x 70 x 34 cm. Foto: Reprodução fotográfica realizada por Silveli Russo, 2017.

Verifica-se, portanto, um móvel religioso de iluminação que apresenta elementos escultóricos de grande peso iconográfico, diga-se assim como outro exemplar [Figura 12] de similar função, que, por seu turno, apresenta-se entre elementos fitomórficos e figurações mitológicas - humanas e zoomórficas - sugestivas respectivamente às harpias e aos carneiros, a recuperarem farta presença na iconografia dos móveis europeus, a partir do século XV;

neste mesmo tocheiro, inclusive, observa-se, do Renascimento italiano, uma representação heráldica relacionada à nobreza, sugestiva da família *Médici*, que teria residido na região de Toscana. E assim, todos os elementos escultóricos presentes na peça são apresentados em exuberante e encantador entalhamento dos relevos.



Fig. 12 – Tocheiro localizado no interior do Palacete CIJY. Séculos XVI/XVII. Madeira entalhada e policromada. 191 x 60 x 60 cm. Foto: Reprodução fotográfica realizada por Silveli Russo, 2017.

Neste ínterim, ocorre citar, por intuição, que a dinâmica teia de motivações e expectativas da prática colecionista e dos detentores desse privilégio, cuja concepção de cultura se baseia na unicidade de valores intelectuais e econômicos, e na consolidação de *status* social, não deixa, todavia, de corroborar a formação e promoção do conhecimento, pela possibilidade do estudo de pinturas, artes utilitárias e decorativas, móveis e outros objetos oriundos de um sistema de mercado de apurado requinte, e não só! Deste cômodo, a Sala de Estar, vê-se a escadaria (com guarda-corpo composto por balaústres) [Figura 13] de acesso interno ao pavimento superior, mormente ao ambiente que especialmente interessa ao presente texto: a Capela da Casa [Figuras 14, 15 e 16].



Fig. 13 – Vista da escada de acesso interno da Sala de Estar ao pavimento superior. Foto: Imagem cedida pela CIJY.

Sobre isso, seguindo as conceituações de um dos mais expressivos agentes de leilões da centúria passada, o francês *Maurice Rheims* (1910–2003), em seu livro intitulado: *En la vie étrange des objets: histoire de la curiosité* (1959)¹³, permite-se dizer que existe aqui um sentido que supera o propósito de construir uma memória histórica e poder informacional; pois, além desses quesitos, existem indícios que possibilitam observar no espírito do casal de colecionadores um vínculo afetivo e também religioso com as artes e os objetos que possuem. Dinâmica essa que contribuiu, por certo, para o fortalecimento das aquisições da presente coleção.

A Capela

A respeito deste espaço, diga-se, não há aqui a intenção de abordar as práticas da liturgia num sentido estrito, mas sim qualificar tal espaço como sagrado em decorrência dos ritos sacramentais da Igreja¹⁴, que, por suas concepções, ensejam soluções arquitetônicas e equipamentos móveis adequados à orientação das celebrações oficiais da Igreja Católica, tais como o ofício da missa, do batismo, do matrimônio e da extrema-unção.

¹³ RHEIMS, Maurice - *La vie étrange des objets: histoire de la curiosité*. Paris: Plon, 1959.

¹⁴ Reporta-se aqui à Igreja Católica Apostólica Romana.

Vislumbra-se, portanto, um conjunto de peças remanescentes da sociedade colonial, caracterizadas pela conjugação de contributos plásticos com importante intenção à representação da temática cristã, fato que permite observar uma produção oriunda do processo de transferência e recepção cultural de manifestações artísticas, entre Europa, Ásia e América, e a dinâmica de análise de suas diversas linguagens e o que delas se propõe representar.

Neste ponto, ocorre reiterar que na investigação da natureza das relações individuais e familiares desenvolvidas no interior do palacete, e a veneração e o culto que se dispensam, tem sido imprescindível tanto para a compreensão e sistematização das motivações inerentes à experiência religiosa doméstica, devocional e litúrgica nesse contexto, como para o entendimento das motivações que levaram o casal de colecionadores a adquirir tão rico repertório de obras de cunho religioso.



Fig. 14 – Fachada (à direita – escada de acesso ao interior da Capela) do Palacete CIJY. Fonte: Imagem cedida pela CIJY.

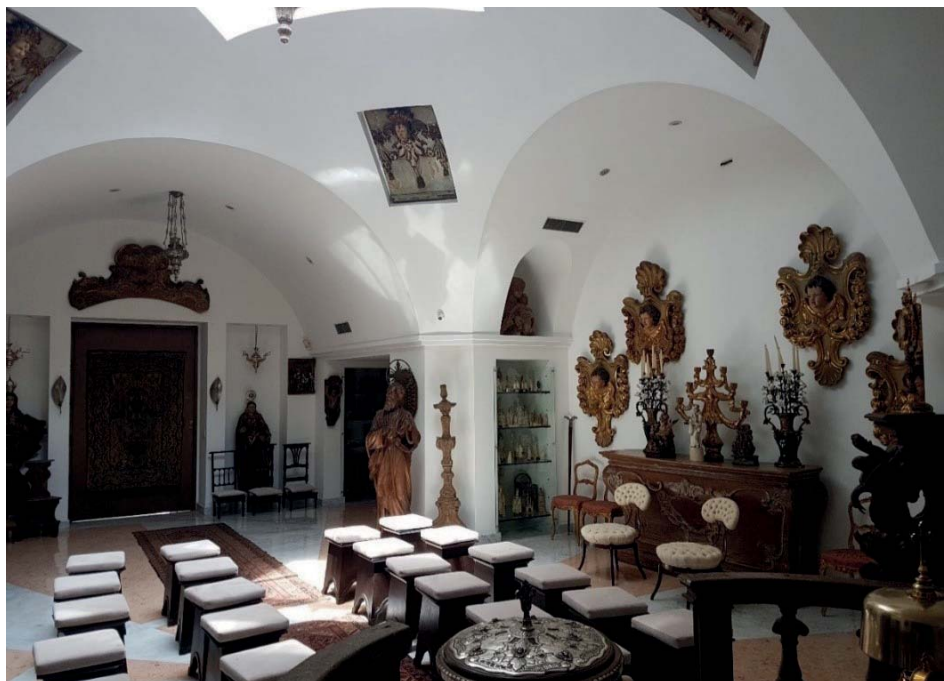


Fig. 15 – Vista do interior da Capela do Palacete CIJY. Foto: Imagem cedida pela CIJY.

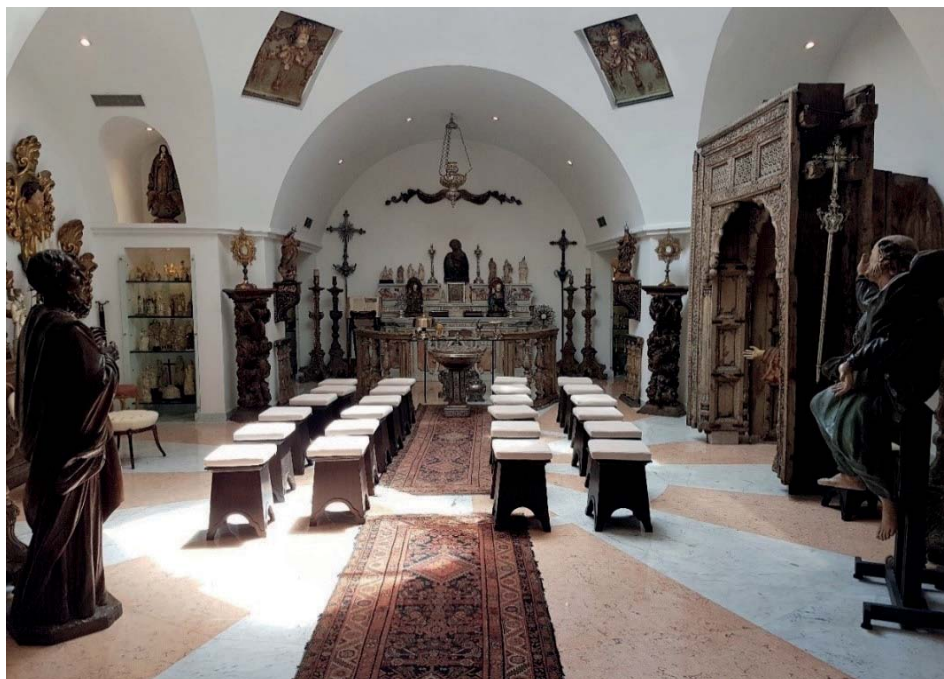


Fig. 16 – Vista do interior da Capela do Palacete CIJY. Foto: Imagem cedida pela CIJY.

Acerca da temática de repertório religioso, o núcleo de prataria sacra cristã apresenta exemplares bastante ilustrativos sobre o cerimonial litúrgico; entre os quais, a naveta para a guarda do incenso, os turíbulo para a queima do incenso, as caldeirinhas para água benta, as sacras, as ambulans para a guarda das hóstias, os cálices e galhetas para a celebração da transubstanciação, as luminárias para as velas, tais como as candelas, as bugias e os castiçais, os vasos para santos óleos e as bacias e gomis para as abluções. E em continuidade à observância das fontes tridimensionais do acervo, ligadas às práticas religiosas: litúrgicas e também devocionais, é que se tem podido notar um diversificado e centenário repertório.

No mais, recorda-se que o número de objetos de prata confeccionado nos séculos XVII, XVIII e XIX é bastante expressivo, apesar de o metal não ser encontrado no Brasil e sim ter sido trazido do México e da Espanha, bem como das minas de Potosí, por meio do Rio da Prata. A prata introduziu um *glamour* inefável às igrejas e conventos do Brasil¹⁵, produzidas inicialmente por prateiros vindos de Lisboa e Porto, desde o século XVI, e que fizeram discípulos na sociedade brasileira, colonial e imperial. Neste âmbito, nota-se que, por conta de determinada legislação portuguesa do final do século XVII – extensiva às colônias, houve a exigência de que as peças em prata apresentassem marcas ou punções de autoria (ourives) e de inspeção para atestar a procedência, qualidade da liga e autenticidade¹⁶.

Em crescente surpresa à disposição dos distintos universos funcionais que categorizam o uso de toda a parafernália da Igreja, encontram-se notadamente a de cunho devocional, cujos objetos e ornamentações se destinam às práticas e aos locais propícios para as orações, e o de cunho litúrgico, em que se apresentam especialmente preparados para as celebrações oficiais do catolicismo, entre alfaias, paramentos e mobiliário específico. É o caso também da imaginária vista na coleção, que pode ser agrupada entre as representações de ordem sacra, advinda da organização espacial dos templos a identificar os santos oragos, e cujo porte normalmente harmonizava às dimensões dos retábulos que as abrigavam atrás dos altares.

No acervo, há imagens entre as representações de ordem devocional, de diversificados tamanhos, que variam entre pequenas esculturas e outras de

¹⁵ Ao proveito de algumas transformações, os diversos acessórios de uso litúrgico provêm da apropriação de tipos de âmbito não sagrado que ingressaram no cerimonial das práticas religiosas – da mesa ao altar; da taça ao cálice; do prato à patena; do pequeno recipiente tapado à píxide; da bacia e gomil ao serviço de lavabo; de componentes da baixela doméstica à salva e galhetas para o vinho e a água; de elementos com funções essencialmente decorativas ou de aparato a componentes obrigatórios no arranjo do espaço destinado aos cerimoniais litúrgicos do culto católico. RUSSO, Silveli Maria de Toledo – *Espaço doméstico, devoção e arte*. São Paulo: Alameda Editorial/ Fapesp, 2014, pp. 42-43.

¹⁶ Cf. ROSA, Mercedes – “Prataria da coleção Ruth e Paschoal Grieco”. AZEVEDO, Beatriz Vicente de; RUSSO, Silveli Maria de Toledo; SALVAT, Ana Paula (orgs.) – *Memória, devoção e brasilidade*. São Paulo: Museu de Arte Sacra de São Paulo, 2013, pp. 9-31.

grandes proporções, oriundas do resguardo de residências, sobretudo coloniais, localizadas em sítios rurais ou em áreas em fase de urbanização, a apresentar soluções singulares, copiadas ou inspiradas em peças criadas nos mosteiros de ordens religiosas, ou que, não raras vezes, foram resolvidas à revelia das regras vigentes da Igreja, adequadas às condições locais. Infere-se dos artistas executores um peculiar respeito conferido ao tratamento dado à pintura e identificação das imagens, levando em conta seus atributos, tipos físicos e vestimentas, caracterizados por uma força expressiva própria.

A respeito dos tipos de oratórios presentes no acervo, há um conjunto de oratórios portáteis, dedicados à devoção privada [Figura 17], que corrobora de forma inusitada com as aparências e efeitos convenientes à consolidação material e simbólica da intervenção da Igreja Católica Apostólica na vida do fiel, em vista de estimular a devoção. Sobre a figuração da temática cristã enunciada, denota-se nas peças expostas uma importante fidelidade ao programa iconográfico tradicional, quer no que concerne aos atributos que as figurações ostentam, quer nas características de adereços a que se associam.

Tais imagens religiosas manifestam, portanto, dentro de um cenário de cariz pedagógico, a articulação das narrativas da vida de Cristo, de Maria e do hagiológico cristão. É o que se pode notar nos diversos elementos que constituem os cenários dessa tipologia de oratórios, que por sua vez se aproximam do contexto dos oratórios de convento e de culto doméstico. Nesta peça, em destaque, vislumbra-se uma notável manufatura, que combina, além das figurações cristãs, elementos arquitetônicos e ornamentais de tradição iconográfica oriunda da Baixa Idade Média, a estabelecer um estreito vínculo entre a técnica da escultura e da talha.

Facilmente transportáveis, esses oratórios de pousar corroboram a compreensão da importância dos artefatos religiosos no âmbito do espírito catequético da Contrarreforma Protestante, revelando-se, inclusive, fundamentais para o entendimento da implantação das manifestações artísticas luso-orientais, que tanto utilizou. De forma sintética, diante do cenário supracitado, permite-se afirmar que este exemplar de oratório, mesmo absorvendo o repertório figurativo e simbólico das imagens religiosas aclamadas pelas diretrizes tridentinas, assume-se como expressão de sua conjuntura civilizacional – de concepção plástica oriental, mesmo sujeitos à influência lusa.

Por fim, destaca-se que tal fonte de pesquisa se encontra em fase de uma leitura sistemática quanto a datações e autorias, num exame crítico que prioriza o olhar museal e as estratégias educativas, sob os olhares atentos da colecionadora e de seus familiares mais próximos, cuja relação com as obras colecionadas é passível de se enquadrar na expressão “Afinidades eletivas”, pelo habitual cuidado que prestam ao acervo e aos objetos que os cercam, assim como aos processos culturais que cercam a coleção e elevam as ideias e os ideais do casal de colecionadores na formação e composição das coleções engendradas, as quais compreendem, como já dito, um número de objetos



Fig. 17 – Oratório da CIJY. Século XX. Madeira e marfim torneado e esculpido. Foto: Imagem cedida pela CIJY.

bastante diversificado, que outrora foram reconhecidamente capazes de exercer influência, prestígio e ordenamento, e hoje estão sendo inventariados e catalogados para serem apresentados como objetos de exposição, pesquisa e discussão acadêmica.

Silveli Maria de Toledo Russo - Graduada em Artes Plásticas pela UNESP (1986); graduada em Arquitetura e Urbanismo e especialista em *Design* de Ambientes pelo BE-LAS ARTES (1993 e 2002); doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU-USP (2010) e com estágio pós-doutoral pelo Programa Nacional de Pós-doutorado, PNPD-CAPES/FAU-USP (2016). Docente no curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Paulista e das Faculdades Metropolitanas Unidas/ Laureate; pesquisadora residente na Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin da Universidade de São Paulo; investigadora colaboradora no Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e membro do comitê científico da Revista *Arte y Patrimonio*, Universidad de Córdoba, Espanha.

